Crianças e jovens em risco social

Analistas dão receitas para combater trabalho infantil e evasão escolar de adolescentes

Luciana Rodrigues e Cássia Almeida

O mais completo retrato dos indicadores sociais do Brasil, que mostrou avanço do emprego e da renda, também revelou que havia mais crianças trabalhando e mais jovens fora da escola em 2005. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada pelo IBGE há duas semanas, constatou um acréscimo de 10,3% no trabalho infantil entre 5 e 14 anos. E, pelo segundo ano consecutivo, a parcela de jovens entre 15 e 17 anos que não estudam subiu para 18,3%. Pesquisadores que acompanham de perto a Pnad divergem sobre quais políticas podem combater esses males.

Para Sergei Soares, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a variação na parcela de crianças de 5 a 9 anos trabalhando — de 1,5% para 1,8% — foi significativa. E a explicação mais provável vem do campo. Com a queda do dólar, a renda dos agricultores foi drasticamente reduzida e as crianças acabaram arrastadas para o trabalho.

Entre as crianças mais velhas, de 10 a 14 anos, o trabalho cresceu de 10,1% para 10,8%. Segundo Soares, mais meninas estão trabalhando como empregadas domésticas. As receitas para combater o trabalho infantil são conhecidas, diz o pesquisador: fiscalização e políticas sociais como o Bolsa Família e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti).

Marizilda Cruppe/2.8.2006

'É pouco R$ 15 por criança. A porta de saída do Bolsa Família é dar condições para que crianças e jovens continuem se educando'

LENA LAVINAS
Professora da UFRJ

'A melhor solução é criança em tempo integral na escola, com compensação financeira'

PEDRO AMÉRICO
Coordenador da OIT no Brasil

Gaveto Barbosa

Gabriel de Paiva/21.9.2006

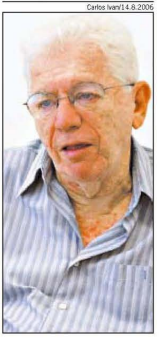
'O jovem não percebe a utilidade do ensino. O currículo é inadequado, os professores faltam e a carga horária é pequena'

SÔNIA ROCHA
Economista do Iets

'A educação está ruim há anos. Sequer são feitas avaliações de resultados. O professor faz o que quer e não é cobrado'

SIMON SCHWARTZMAN
Sociólogo, presidente do Iets

Carlos Ivan/14.8.2006



Jornada escolar deveria ser maior

• Coordenador no Brasil do Programa Internacional de Erradicação do Trabalho Infantil, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), Pedro Américo destaca que não foi estabelecida no país a competência de que órgão vai fiscalizar essa prática ilegal. Hoje, 5,4 milhões de crianças de 5 a 17 anos trabalham.

— Quem tem a responsabilidade de fiscalizar o trabalho na agricultura, na informalidade e nas atividades ilícitas? Há um vazio na fiscalização. São alguns programas espalhados por vários ministérios.

Outro vácuo está na falta de metas. Assim, segundo Pedro Américo, não há monitoramento e correção de rumos das políticas adotadas.

Sônia Rocha, do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (Iets), lembra que a Pnad considera como trabalho infantil mesmo atividades que consumam poucas horas das crianças. E que nas pequenas propriedades rurais, é comum os filhos ajudarem os pais no serviço. Se essas crianças estão estudando — em 2005 cresceu a escolarização nas faixas etárias até os 14 anos — o ligeiro aumento no trabalho infantil não é alarmante, diz Sônia.

Mas a maior parcela de jovens fora da escola é um dado preocupante, alerta a economista. Em 1992, mais de 40% dos brasileiros entre 15 e 17 anos não estudavam. Esse número caiu sistematicamente até alcançar 17,6% em 2003. Mas subiu em 2004 e, no ano passado, aumentou novamente, chegando a 18,3%. Para Sônia, não adianta aumentar a faixa etária do Bolsa Família — hoje, o programa paga aos pais um adicional de R$ 15 para crianças até 14 anos, limitado a três filhos. É preciso melhorar a qualidade do ensino, diz Sônia.

Lena Lavinas, da UFRJ, destaca que o trabalho infantil e a evasão escolar de jovens vinham caindo, mas a tendência foi interrompida em 2003, justamente quando os programas de transferência de renda começaram a ser expandidos. Ela acredita que é preciso ampliar o benefício pago às crianças, para permitir que seus pais as tirem do trabalho. E também estendê-los aos jovens. Ela cita o programa mexicano Oportunidade, no qual o benefício sobe a medida que as crianças avançam nos estudos.

— Se o mantra da educação é uma verdade, este país precisa entender que a porta de saída não é cortar benefícios, e sim dar incentivos para a conclusão do Ensino Médio.

Lena, assim como Pedro Américo, da OIT, defende uma maior jornada escolar para evitar que as crianças sejam desviadas para o trabalho.

Para Sergei Soares, a parcela de jovens fora escola cresceu porque faltam vagas no Ensino Médio. A entrada em vigor do Fundeb (fundo que, a exemplo do Fundef, vai financiar a educação, mas abrangendo o pré-escolar e o Ensino Médio) poderá amenizar o quadro:

— A culpa é do governo e do Congresso, que atrasaram a aprovação do Fundeb (o projeto ainda precisa ser votado em um turno).

Sociólogo e estudioso da educação, Simon Schwartzman, presidente do Iets, lembra que, nessa faixa etária, a escola é malvista entre os jovens e a autoridade das mães perde força. Ele não vê no mercado do trabalho o motivo para a saída da escola:

— A idéia de que os meninos deixam a escola para trabalhar é errada, o ganho não é significativo. O problema está na escola. O estudante não se alfabetiza, não consegue aprender, vai se alienando e acaba saindo. ■